

SOBRE NÓS, QUE NÃO DORMIMOS MAIS TÃO BEM

Natacha DIAS¹

Resumo:

A comunicação propõe-se a ser um tecido de retalhos reflexivos, narrativa de experiência e interlocução da autora-ouvinte com trechos da palestra de Ailton Krenak no III Simpósio Internacional Repensando Mitos Contemporâneos. Busca suscitar questões relacionadas fundamentalmente à importância da retomada das imagens e do sonho como aliados de uma nova reconfiguração das estratégias estético-políticas.

Palavras-Chave: *imagem; representação; teatralidade*

Abstract:

The paper proposes to be a fabric of reflective flaps, narrative of experience and dialog of this listening author with excerpts from Ailton Krenak's lecture at the III Simpósio Internacional Repensando Mitos Contemporâneos. It seeks to raise questions related to the importance of the resumption of images and dreams as allied of a new reconfiguration of aesthetic-political strategies.

Keywords: *image; representation; theatricality*

¹ Atriz e pesquisadora, docente nos cursos de Teatro e Artes Cênicas da Unespar, em Curitiba. Atualmente, é doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena da Unicamp, com o projeto "Michael Chekhov e a Coordination Technique – imaginação e teatralidade no trabalho do ator sobre si mesmo".

Da tessitura rapsódica

Na tarefa a que me disponho – produzir um registro crítico e sensível das experiências partilhadas durante o III Simpósio Internacional Repensando Mitos Contemporâneos – peço licença ao leitor para tecer uma narrativa feita de retalhos reflexivos, em diálogo com a fala do líder indígena Ailton Krenak, na abertura desse evento.

O antropólogo Bruce Albert, ao descrever o processo de registro das palavras que ouviu da boca do xamã yanomami Davi Kopenawa, no trabalho de muitos anos que resultaria na monumental obra *A Queda do Céu: palavras de uma xamã yanomami* (2016), relata o modo como isso o obrigou a confrontar a tradição europeia positivista sob a qual foi formado. Relata, ainda, que foi levado a inventar seu próprio método etnográfico, aceitando a impossibilidade de desprezar, nessa escrita, a intervenção de sua própria subjetividade como narrador-observador-ouvinte da pesquisa.

De modo parecido, esse texto não se pretende apenas um registro da palestra de Krenak, mas ecoa dúvidas, ponderações éticas e políticas dessa autora. Ou será melhor dizer-me criadora? Pois, sob a tônica artística, busco algo dessa etnografia formulada por Albert, como um movimento desestabilizante de alteridade cultural que se propõe também como prática de reinvenção de si. Mas busco também me deixar conduzir por esse discurso de Krenak que convida à refiguração dos mundos, a começar pela linguagem.

Por isso, este é um texto em trânsito, rapsódico, uma costura entre passagens da vida, conceitos e composições do imaginário. Que não deseja a síntese dos sujeitos envolvidos no encontro, mas persegue seus rastros, como fios de pensamentos que existem nos espaços liminares, que conectam ancestralidades. É um texto-gesto, que costura e descostura associações e, sem a pretensão de produzir uma unidade linear de pensamento, trama situações de naturezas diversas, e não esconde o próprio processo de remendo. Mais do que conceituar sentidos únicos, teço perguntas no vazio dos “entres”, busco clarões breves, lapsos de entendimento que possam confrontar a obscuridade de ideias que tentam nublar nossos tempos.

Retalho I

Vinte e quatro horas antes da fala de abertura do III Simpósio, vencida pelo cansaço de três semanas de insônia e de uma dor inexplicável no corpo todo, resolvo visitar uma médica que, disseram-me alguns amigos, pode ajudar a diminuir o desconforto. Tenho no peito uma dor aguda, como se houvesse levado um murro logo abaixo do tórax; falta-me o ar e caminho há dias com uma sensação de ruptura entre o que identifico como consciência e a sensação da presença de meu próprio corpo. No consultório, a médica, bem pouco adepta dos instrumentais alopáticos, receita-me um medicamento controlado, com a condição de que eu não me acomode a isso que considera uma medida de urgência, que me disponha a não ignorar os sintomas da minha própria doença e, a partir disso, busque formas mais profundas e permanentes de cura. Usa, então, a famosa ilustração da *psiquê* como um volume imenso, uma espécie de *iceberg* composto por inúmeras camadas submersas, que se ampliam para o inconsciente profundo e que só conhecemos por meio das manifestações que vêm à tona em nosso consciente, na dimensão perceptível e visível do cotidiano.

A doutora confessa-me, ao final da consulta, que, recentemente, tem recebido inúmeros pacientes com sintomas parecidos aos meus, o que a faz acreditar realmente em uma epidemia de patologias de ordem emocional, provocadas pela instabilidade política e social, que afeta nossas estruturas mais profundas e abala os pilares do inconsciente coletivo. Ao se despedir, diz se preocupar verdadeiramente com as pessoas que, diante do atual cenário brasileiro e mundial de tantas violências, não expressam qualquer desconforto, não manifestam sintomas; para ela, quem age, neste momento, como se a realidade e as relações interpessoais houvessem sido congeladas sob a imagem irreal de uma sociedade apaziguada, não apenas contribui para naturalizar o horror externo como recalca as ebulições subjetivas e implode a própria vitalidade interna.

Retalho II

Após sair da consulta medida, enquanto jantava com uma colega do Doutorado que participaria também do Simpósio, ela me descreve a frustração que vem amargando há uma semana, desde que fizera sua primeira tentativa de romper o silêncio implicitamente imposto na família pelas eleições presidenciais

de outubro de 2018. Conta-me que a decisão surgiu após haver tido um pesadelo em que sua mãe, uma mulher sensata e de personalidade delicada, casava-se com o atual Presidente do Brasil, com a convivência de seu próprio marido. Pela manhã, conta-me ela, decidira então conversar com sua mãe, inclusive considerando o histórico de diálogos francos que sempre haviam tido. Mas a conversa entre elas afinal não prosseguiu muito além das primeiras frases, interrompida pela mulher que, cheia de assombro, disse à filha ser incapaz de reconhecê-la, pois percebia em seu rosto expressões de uma “verdadeira guerrilheira”.

Retalho III

Horas depois do jantar, acordo sobressaltada na madrugada, com a certeza de ter ouvido passar na janela uma manada de cavalos. “Talvez seja efeito da primeira dose do medicamento”, penso, preocupada em descansar, pois sei que a semana será cheia de atividades e é preciso estar bem-disposta. Algo me incomoda, no entanto, e não volto a dormir. Percebo que os cavalos saltaram do meu sono, diretamente de um sonho em que me esgueirava por becos noturnos de uma cidade vazia, escondendo-me atrás de escombros ou nos quintais de casas de família dentro das quais pessoas dormiam tranquilamente. Dali, via desesperados cavalos brancos fugindo de um tanque de guerra que os perseguia, repleto de homens com metralhadoras nas mãos, como em um dos filmes de Costa Gravas sobre a ditadura chilena.

Retalho IV

Ao me levantar, pela manhã, acesso por *whatsapp* o áudio enviado por uma amiga. Ela me relata que, durante aquela madrugada, acordou sob uma forte e inédita crise de pânico. Despertou o marido, que estava deitado ao seu lado, para lhe informar que havia constatado que seu coração não batia mais. Mesmo que ele então lhe retrucasse que isso era impossível – afinal, ela não apenas estava viva como conversava normalmente com ele – a minha amiga insistiu por quase uma hora, dizendo-lhe se sentir fisicamente morta. Tinha certeza de não haver nenhum pulso dentro de si, sensação que permaneceu por quase uma hora.

Retalho V

No horário de início do III Simpósio, com uma música tocada ao piano, corpos femininos e masculinos movem-se dentro e fora da sala de convenções da Casa do Lago. Nos intervalos, entre silêncio da melodia, escuto barulho de sapos e grilos à beira do riacho. Está calor e meus olhos têm dificuldades de se manter abertos, por causa da noite anterior tão mal dormida.

Depois das falas de apresentação da equipe organizadora do evento, Ailton Krenak assume a cadeira de convidado. Enquanto a plateia, lotada, prepara-se para ouvir sua fala, desperto daquela sensação de semi-dormência sob a qual fruía a música e a dança anterior. Sinto falta de ar e por isso tenho um súbito impulso de sair da sala. Dirijo-me à porta, encosto-me no batente e permaneço ali, em pé, disposta a ouvir desse modo toda a palestra. O descompasso que sinto internamente contrasta com a firmeza do tempo-ritmo que a presença de Krenak emana, que envolve a audiência em um silêncio vivo, atento. Quando penso em ir embora, ele finalmente diz: "que aldeia bonita".

Retalho VI

Contemplo, de fato, a "aldeia", e desfruto dessa imagem como quem está fora dela. Sob a soleira da porta, escuto e vejo Krenak falar sobre a noção branca de comunidade, que é para ele excludente, instaura muros e separa as pessoas. Como a própria Universidade que, a despeito do nome que leva, constituiu-se historicamente com um "condomínio de brancos", ele diz.

Diferente disso, ali, naquela terça-feira quente, o líder indígena constata a latência da colaboração, que entende ser a melhor estratégia a qualquer tempo; "é por meio dela que podemos afetar uns aos outros", diz, com as diferentes visões de mundo que cada um pode propor, mesmo que sejam tão plurais quanto as cores do universo.

Do lugar de onde vejo, o teatro daquele encontro é um mosaico de rostos diferentes. No meu corpo, sinto o cansaço da noite mal dormida se revelar como exaustão máxima, derivada justamente das tentativas recentes de transpor os abismos entre aquilo que pensava fundar as bases de nossa vida "civilizada"

em sociedade e os atuais discursos fascistas que não cessam de demolir ruidosamente tudo isso. Enquanto ouço Krenak, formulo internamente a certeza de que não será possível tecer qualquer território comum de existência futura sem o reconhecimento dos abismos da geografia árida desses tempos de agora.

Serão necessárias pontes, penso, e um esforço para alargar os espaços do pensamento e da nossa ação no mundo; mas isso já estava acontecendo ali, naquela abertura de evento acadêmico inaugurada por uma liderança indígena, o que ampliava o sentido da Universidade tal qual sempre a conhecemos. A Academia não era mais, afinal, apenas território de reflexões conceituais, mas lugar de encontro que, ineditamente, incluía pessoas nunca antes ali admitidas. E, sem ignorar as diferenças que nos envolviam, negros, índios, brancos, artistas e pesquisadores, naquele momento estávamos do mesmo lado da trincheira.

"A terra pede uma nova perspectiva", ouvi Krenak dizer. Por isso, afirmou que não podemos mais aceitar o discurso convencional da arte como algo que o homem faz quando nada mais importante é necessário. Para mim, atriz, professora e pesquisadora de Teatro, nunca foi tão evidente o quanto é preciso romper com a subserviência histórica de nosso fazer aos discursos de uma elite que concebe a Arte a seu bel prazer. E, como agora, quando está rompido o mito da "inspiração poética" apartada do mundo, quando nossa prática coloca em risco a ordem que desejam impor, somos devolvidos à realidade crua de uma precariedade social jamais superada. Compreendemos que a supressão recente dos poucos financiamentos públicos que nos garantiam a subsistência não é uma eventualidade, mas a confirmação de um projeto político antigo, que sempre refutou a potência prática e transformadora da arte. Enquanto, para os indígenas, os espíritos dançam com os humanos, nas ilhas de beleza artificial forjadas pelas elites brancas, prevalece o ideário eurocêntrico, que tende a operar o invisível como representação separada das instâncias da vida cotidiana.

Retalho VII

Nas cosmogonias de muitos dos povos brasileiros originais, segundo Krenak, a arte é celebrada como a maior das armas que os humanos dispõem para suspender o céu. Ele conta à plateia sobre o Taruandé, que reúne seu povo, os maxacali, xacriabá e pataxó para fazerem cantos e danças com esse objetivo.

“Taru é o céu”, explica, “e taruandé é o movimento que se faz para se aproximar da terra, embora os humanos não suportem essa pressão exagerada sobre eles”. Por isso, como filhos da terra, Krenak conta que seu povo convoca espíritos que já atravessaram para outros lugares para pisarem juntos sobre a terra, em uma dança necessária à manutenção da ordem do mundo.

Poucos dias antes deste Simpósio, os jornais mostraram fotos do céu da cidade de São Paulo invadido por uma fumaça densa, rios de veneno vindos da Amazônia queimada pelos fazendeiros, impulsionados pela política instaurada pelo governo contra o próprio povo. As fotos divulgadas pela imprensa me alcançaram como se fossem espelho de meu próprio pensamento nublado, exausto pelas noites mal dormidas das últimas semanas, pelo sono instável e cheio de medo, como se a realidade pesasse sobre a cabeça, mais insustentável e impossível do que nunca, humana e eticamente corrompida. Enquanto ouvia Krenak falar sobre o céu, lembrei-me imediatamente do que disse outra liderança indígena, Davi Kopenawa, também sobre esse assunto, a partir da sabedoria de seu povo yanomami:

Os brancos nos chamam de ignorantes apenas porque somos gente diferente deles. Na verdade, é o pensamento deles que se mostra curto e obscuro. Não consegue se expandir e se elevar, porque eles querem ignorar a morte [...] os brancos não sonham tão longe quanto nós. Dormem muito, mas só sonham com eles mesmos. Seu pensamento permanece obstruído e eles dormem como antas ou jabutis. Por isso não conseguem entender nossas palavras. (KOPENAWA, 2015, p. 390)

Essa sabedoria mítica dos povos indígenas brasileiros vem sendo confirmada por diversas pesquisas recentes, que acusam o decréscimo da atividade do sonho entre as populações ocidentais. Conforme estudo realizado na Universidade do Arizona (NAIMAN, 2017), essa diminuição pode ser associada ao aumento de patologias como a depressão e a ansiedade. Com hábitos de vida cada vez mais prejudiciais, as pessoas tendem a não atingir o estágio do sono conhecido como REM, *Rapid Eye Movement*, quando ocorrem os sonhos, o que tem como provável consequência uma intensa desregulação emocional do indivíduo, tornando-o mais

reativo em suas relações cotidianas.

Com as pernas cansadas, percebo que me desconectei por alguns minutos das palavras de Krenak. Encostada no batente da porta, mantida aberta para refrescar o salão, sinto agora minha coluna doer. Decido sair da posição intermediária em que estou e começo a procurar um lugar no chão para me sentar. Avisto a colega que me contou, no dia anterior, sobre o sonho que a levava a tentar dialogar com a mãe. Também aluna do Programa de Pós-Graduação, vejo-a ali, de olhos fechados, imóvel, embora pareça atentamente embalada pelo ritmo lento e denso da voz de Krenak. Essa visão faz com que eu pense que, talvez, haja nesse processo dolorido, nesses pesadelos que trasbordam do sono, algo de cura.

O sonho de minha colega, assim também como aquele de minha outra amiga, e o meu próprio, são frutos de um descanso insuficiente, de um corpo inquieto que carrega, impresso em si mesmo, as marcas das travessias noturnas. Ao contrário do que a civilização branca pregou nos últimos séculos, a capacidade de sonhar não é passiva; como a arte para os povos indígenas, tem função prática e se dá no território do "entre", em um real que incorpora o trânsito entre sono e vigília, interliga mundos, desfigura e refigura o humano.

Em oposição a uma tradição em que as pessoas tomam remédios para dormir e não sonhar, e que igualmente não se dispõem a penetrar nas regiões desconhecidas da morte, tem sido cada vez mais difícil, para uma parte da população, manter-se inerte e restrita às camadas apenas superficialmente aparentes de uma realidade marcada pela necropolítica ostensiva praticada pelos nossos atuais governos.

A morte tira, literalmente, o sono do branco. Apenas nos nove primeiros meses de dois mil e nove, dezesseis crianças foram mortas, nas favelas cariocas, pela polícia. Na zona sul de São Paulo, um jovem negro que furtou uma barra de chocolate foi despido, amordaçado e chicoteado pelos seguranças de um supermercado. No Estado de São Paulo, apenas no primeiro semestre deste ano, 82 mulheres foram assassinadas, a maior parte delas por seus próprios parceiros. Em um presídio na cidade de Altamira, cinquenta e sete pessoas morreram em uma rebelião, dezesseis foram decapitadas, mas o Ministro da Justiça não oferece solução alguma para aumentar a segurança das populações carcerárias ou civis. O filho do Presidente posta cotidianamente fotos de crianças armadas. Enquanto

isso, o Governador do Rio de Janeiro diz que a polícia, sob suas ordens, vai “atirar na cabecinha” e transmite, ao vivo, vídeo de si mesmo em um helicóptero, disparando indiscriminadamente com um fuzil, sobre um bairro pobre na cidade de Angra dos Reis².

Tal nível de exposição à violência afeta, certamente, nossas relações, linguagem, e modos de representação. Muito além do suplício do corpo, imagens como essas retrocedem aos níveis da barbárie colonial, tentam nos retirar qualquer visão de futuro. Nesse sentido, sonhar com os olhos abertos, assim como nos ensinam nossos ancestrais indígenas, é figurar mundos indiscerníveis ainda, mas necessários.

Retalho VIII

Ouçó, com interesse, Krenak fazer menção à guerra de narrativas que estamos vivendo. Para mim, o efeito da noite traz conforto, amplia os sentidos, e penso que, se toda narrativa é uma forma de representação ou apresentação de mundos, nunca foi tão necessária a capacidade de imaginá-los.

Sentindo-me agora mais desperta, imediatamente relaciono a reflexão de Ailton à uma cena do documentário *Corumbiara*, que assisti anos atrás. No filme, cinegrafistas e representantes da FUNAI filmam seu primeiro encontro com um casal de indígenas sobrevivente de um povo que os fazendeiros da região afirmavam já haver sido extinto. Depois do primeiro momento de tentativa de comunicação entre as partes, que não compreendiam a língua uma da outra, enquanto os visitantes descansavam no acampamento dos anfitriões, dentro da mata, a câmera capta a indígena a narrar algo com extrema atenção, como se relatasse um acontecimento trágico. Além das palavras que encadeava ritmadamente, a moça realizava gestos precisos no espaço, compondo imagens que transmitiam um sentido de urgência, ainda que não viessem acompanhadas de tradução alguma, pois naquele momento os cinegrafistas e pesquisadores não podiam ainda decifrar aquele idioma. Apenas anos depois, quando finalmente conseguiram fazê-lo, descobririam que a cena captada pela câmera mostrava a moça a interpretar a aproximação dos homens brancos, o que ela havia acompanhado desde o início.

² As informações referidas no parágrafo foram amplamente divulgadas pela mídia em 2019, sendo portanto de fácil acesso e verificação.

Porém, o que mais me intrigou quando vi o filme, e o que fez deixar gravada em minha memória precisamente essa cena, foi que a moça que narrava parecia não se ocupar apenas da relação direta com os ouvintes. Liberada da semântica, mesmo pela tela do cinema, eu podia perceber o modo como a narrativa era mais do que a mera figuração da realidade como representação, mais do que a finalidade que normalmente lhe atribuímos de mediar as relações interpessoais. A linguagem não apenas continha imagens, mas era imagem. E a imagem, por sua vez, como aparição, apresentava uma existência poética *per si*, que permitia à moça transitar, como diz Didi Huberman, entre “os possíveis do imaginário e o impossível do real” (2011, p. 28)

Mas é desprovida desse poder de transporte que a imagem tem se tornado cada vez mais instrumento da necropolítica que nos assombra o sono, nessas nossas cidades feitas sob a lógica do homem branco. Na guerra de narrativas da qual nos falava nesta noite Krenak está envolvida a cooptação, pelos poderes hegemônicos, do poder da imagem, não como revelação, mas como cópia dessencializada e sem autonomia de existência.

Lembramos que a etimologia da palavra “imagem” remete a “*imago*”, termo latino utilizado na Antiguidade para se referir à máscara mortuária, geralmente feita de cera, que fazia perpetuar as formas do rosto do morto. Mas se, para nossos antepassados, *imago* era estratégia de superação do aspecto degenerescente da morte, em si mesma compreendida também como abertura para outras formas de existência do ser, o Ocidente vem afirmando os aspectos de fixidez e finitude associados à imagem. O medo da morte também nos aprisiona no congelamento da vida, na incompreensão do poder transfigurador dos sonhos, e nos leva à crise de literalidade que torna a civilização branca refém da própria realidade, aparentemente sem saída.

Mesmo quando a imagem, tal qual descrevi nos pesadelos aos quais me referi no início deste texto, irrompe em toda a sua força de existência autônoma, encontra-nos frequentemente despreparados. Nessa hora, que é agora, cabe-nos então decidir: vestiremos a imagem como a máscara dos antigos, como via mágica de transformação? Teremos a capacidade de ver o invisível e abordá-lo como via de deslocamento de mundos? Ou continuaremos a fazer da imagem apenas objeto que, embora produzido a partir de nós mesmos, somos incapazes de reconhecer? Objeto que vestimos sem o tempo da contemplação e que, por

isso, imediatamente nos coíbe, sufoca e enclausura a vida?

Desde o idealismo platônico, a *práxis* imaginativa, ou a capacidade de agir com imagens, foi condenada no Ocidente como apologia do engano. A abordagem arcaica dos gregos, que considerava a imagem como revelação numinosa, foi tomada pela noção de simulacro; a partir de então associou-se a imagem ao exercício de uma representação desprovida de alma, imitação superficial das belezas verdadeiras.

Banida do universo do conhecimento abstrato, restrito a filósofos e eruditos, a imagem sobreviveria por séculos nos interstícios das formas populares, como pulsão de transgressão e refiguração das dimensões normativas da realidade comum. Principalmente a partir dos séculos recentes, seria reabilitada, dessa vez pelo poder capitalista que, como bem o sabe o espírito da publicidade, soube canalizar para seus interesses exatamente essa capacidade que a imagem possui de seduzir os sentidos e, nesse caso, não apenas provocar mas manipular paixões, oferecendo não mais a experiência mas a ilusão dela. De fato, ao mesmo tempo proliferada e dilacerada, a imagem nunca se impôs com tanta força em nosso universo, nunca, sem dúvida, nos mentiu tanto solicitando nossa credulidade, impressão que se deve, sobretudo, ao próprio caráter da situação atual (DIDI-HUBERMAN, 2012, p. 209)

Para Diéguez (2013, p. 51) o principal problema do uso das imagens na atualidade não é sua banalização pelo uso em excesso, como os críticos do discurso capitalista tantas vezes apontam, mas a dimensão anônima do que se mostra, que retira da imagem justamente a capacidade de interpelar os regimes ordinários dos sistemas de informações.

A pesquisadora observa esse mesmo traço operatório nos “manejos políticos do invisível” (idem, p. 52) empreendidos nos últimos anos pelos poderes políticos e econômicos que tentam controlar a composição da história oficial da América Latina. Conforme a sequência de atos de barbárie que temos presenciado nessa região confirmam, esses poderes apostam plena e literalmente na estratégia de tornar anônima a imagem, criando uma teatralidade do horror que envolve martirizações, ocultação de cadáveres e exposição de corpos desmembrados pela violência das próprias forças do Estado. Pode-se dizer que cenas como as recentemente divulgadas por diversos canais da mídia brasileira, como a do

Governador do Rio de Janeiro, Wilson Witzel, comemorando efusivamente a morte pela polícia de um jovem que, em meio a um surto psicótico, sequestrara um ônibus, produzem com precisão os ritos de um *necroteatro*. Esse, por sua vez, vale-se de um *status* visual que visa a intervir na dinâmica social de extermínio com alcance espectral e pedagógico (ibidem).

Diante disso, abdicar de nosso espaço como criadores do teatro do mundo não parece uma saída. Ao contrário dos doutrinários do irrepresentável, que suspeitam das imagens e as acusam de desrealizar ou esteticizar o horror, as reflexões de Diéguez, assim como as de Ailton, invocam o poder das imagens como arma sem a qual não será possível intervir na escrita dessa liturgia icônica do necropoder.

Quase ao final da palestra, Krenak faz uma longa pausa, que interpreto apressadamente como o fim do encontro. Mas, antes que a plateia bata palmas, ele prossegue contando que, à época das invasões coloniais, todos os homens ou mulheres capazes de imaginar mundos eram considerados feiticeiros pelos padres católicos. Por isso, eram levados para Lisboa ou Madri e martirizados. Depois, eram arrastados até a praça central, onde tinham seus corpos queimados em espetáculo, tendo o rei e a rainha como espectadores de honra. “Como se pode continuar dizendo que todos nós temos, depois disso, uma única humanidade”, pergunta Krenak à plateia de artistas e acadêmicos presentes naquela noite? É, afinal, o próprio conceito de humanidade que está em cheque, parece-me, e nós, frutos dessa razão esclarecida iluminista que um dia se sentiu autorizada a exterminar os povos obscuros e incivilizados, agora sentimos medo, enfim.

Incomodada, física e emocionalmente, volto à soleira da porta para sentir o vento. Penso que é preciso reconhecer a falência dos modelos de discursos que se pretendem verdade única, progressivamente linear e racionalmente ordenados. Penso que a própria arte tem se transformado e se afastado, com suas estruturas excessivamente conceituais, das experiências da dor e do assombro, que nos revelam imagens às vezes indecifráveis, às vezes até mesmo indesejadas de nós mesmos. Observando, com alguma distância novamente, os rostos das pessoas sentadas, intuo em muitos deles questões parecidas. Sofia, que dá nome a essa edição do Simpósio, é sabedoria, mas não apenas aquela baseada em cálculos e equações comprováveis; é também o conhecimento dos fatos imaginados, das coisas intangíveis.

Há muitos anos atrás, em uma conversa privada de meu antigo grupo de teatro com Betty Mindlin, a antropóloga ponderou que, de modo bem geral, entre os povos ameríndios brasileiro a imagem tem categoria filosófica, e se criam categorias estéticas para pensar o mundo. Ao contrário do que ocorre na tradição eurocêntrica dominante, para eles os mitos não são reflexo do real, mas reflexão. Nós, os que não dormimos mais tão bem, talvez tenhamos agora a experiência de nos aproximarmos, com nossos corpos, dessa lógica que a sabedoria ancestral de Krenak e Ailton tem tentado transmitir há séculos ao homem branco. Enquanto as coisas que supúnhamos apaziguadas queimam como labareda nas imagens que nos sobrevêm, nossos mitos mais antigos se revelam cruamente, e nos contam coisas insuspeitas: não somos, ao contrário do que nos disseram por muito tempo, um povo pacífico, os muros que erguemos não nos garantem proteção, a pureza do nosso ar não é o bem comum mais desejável e a fraternidade não é um princípio universal assegurado.

Ao analisar o que ocorre entre as imagens e o seu contato com o real, Didi-Huberman defende que uma das grandes forças da imagem é “criar ao mesmo tempo *sintoma e conhecimento*”. Para o filósofo, enquanto o sintoma é interrupção no saber, o conhecimento é interrupção no caos (2012, p. 214). Assim vistas conjugadamente, as instâncias que nos desorientam e as que reorganizam nossa existência não podem ser compreendidas separadamente. Isso nos solicita acolhimento até mesmo aos nossos pesadelos mais inquietantes que, como *sintomas*, comunicam-nos sinais secretos, revelam-nos uma realidade que é, ao mesmo tempo, ruína e reconstrução. Sob o fogo simultaneamente devastador e alquímico da imaginação e do sonho, irá nos ser permitido discernir um real que arde em transformação, afinal.

[...] mas, para sabê-lo, para senti-lo, é preciso atrever-se, é preciso acercar o rosto à cinza. E soprar suavemente para que a brasa, sob as cinzas, volte a emitir seu calor, seu resplendor, seu perigo. Como se, da imagem cinza, elevara-se uma voz: “Não vês que ardo?”. (DIDI-HUBERMAN, 2012, p. 216).

Não uma conclusão, mas ainda um ponto sem nó

Para finalizar este texto, volto a Ailton Krenak que, depois de encerrar a palestra, abriu o microfone para impressões da plateia.

Nesse contexto, uma participante perguntou-lhe sobre o Rio Doce, fundamental para a existência de seu povo mas dado como morto após haver recebido a lama tóxica da barragem da empresa Vale do Rio Doce, na cidade de Mariana. Conhecido pelos Krenak como Uatu, para aquele povo o rio é seu avô, e o consideram apenas em coma. Declará-lo morto, alerta Ailton, é acreditar em histórias de mineradores, que desejam mais uma vez ganhar dinheiro com a economia do desastre. E diz:

Mas a gente não aceita essa narrativa, nós vamos abrir essas perspectivas e rever o que ainda tem por aí. E nós cantamos para o rio. E quando cantamos pro Uatu a gente sabe que o Uatu ouve a gente cantar pra ele. E responde isso invadindo os nossos sonhos. (KRENAK, 2019)

Referências:

DIDI-HUBERMAN, Georges. De semelhança a semelhança. Tradução Maria José Werner Salles. Revista Alea, v. 13, n. 1, jan./jun. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517106X2011000100003>. Acesso em: 26 de Set. 2019.

_____. Quando as imagens tocam o real. Tradução de Patrícia Carmello e Vera Casa Nova. Pós: Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes da escola de Belas Artes da UFMG, v. 2, n. 4, nov. 2012. Disponível em:

<<https://www.eba.ufmg.br/revistapos/index.php/pos/article/view/60/62>>. Acesso em: 28 de Set. 2019.

DIÉGUEZ, Ileana. Cuerpos sin duelo. Iconografía y teatralidad del dolor. Córdoba (Arg.): Ediciones DocumentA/Escénicas, 2013. 292p.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami. São Paulo: Cia. das Letras, 2015. 729p.

KRENAK, Ailton. Palestra de Abertura. In: III Simpósio Repensando Mitos Contemporâneos, 2019. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=bXHA3t3t1po>>. Acesso em: 28 de Set. 2019.

NAIMAN, Rubin. Dreamless: the silent epidemic of REM sleep loss. Annals of the New York Academy of Sciences, New York, agosto. 2017. Disponível em:

<<https://nyaspubs.onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/nyas.13447#accessDenialLayout>> Acesso em: 30 de Set. 2019.